



ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

CB
HA

ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

Realização



Organização



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

 **UFU** Universidade
Federal de
Uberlândia



UFPEL



UFRRJ UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO


CEFET/RJ

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte – Fundado em 1972

Presidente de Honra (in memoriam) – Walter Zanini

Diretoria (2020-2022)

Presidente – Marco Antônio Pasqualini de Andrade (UFU)

Vice-presidente – Neiva Bohns (UFPEL)

Secretária – Rogéria de Ipanema (UFRJ)

Tesoureiro – Arthur Valle (UFRRJ)

Conselho Deliberativo do CBHA (2020 – 2022)

Almerinda da Silva Lopes (UFES)

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)

Luiz Alberto Freire

Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP)

Marize Malta (UFRJ)

41º Colóquio do CBHA (2021): Arte em Tempos Sombrios

Comissão Organizadora

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA)

Marize Malta (UFRJ/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Sandra Makowiecky (UDESC/CBHA)

Comitê Científico

Almerinda Lopes (UFES/ CBHA)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA) Bianca Knaak (UFRGS/ CBHA)

Blanca Brites (UFRGS/CBHA)

Camila Dazzi (CEFET-RJ/ CBHA)

Fernanda Pequeno (UERJ/ CBHA)

Fernanda Pitta (Pinacoteca-SP/ CBHA)

Marco Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)

Maria do Carmo de Freitas Veneroso (UFMG/CBHA)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/ CBHA)

Marília Andrés Ribeiro (UFMG/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Niura A. Legramante Ribeiro (UFRGS/ CBHA)

Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS/ CBHA)

Raquel Quinet Pifano (UFJF/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/ CBHA)

Vera Pugliese (UnB/ CBHA)

Imagem da capa

Lydio Bandeira de Mello (1929 -), *Sem título*, 2019. Carvão crayon e pastel seco, 75 x 55 cm; Foto: Rafael Bteshe

Diagramação

Vasto Art

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (41: 2021)

Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em tempos sombrios

– Evento online - 23-27 nov. 2021. (Organizadores: Marco Pasqualini, Neiva Bohns, Rogéria de Ipanema, Arthur Valle). São Paulo: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2022 [2021].

1371 p : 21X37 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.41>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 41o. Colóquio do CBHA.

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte

CDD: 709.81

Um olhar sobre os ofícios da madeira, dos XVIII - XIX, no contexto luso-brasileiro

Isabela Torres Rodrigues, Universidade Federal de São Paulo
<https://orcid.org/0000-0002-2171-5422>
rodriguesisabelatorres@gmail.com

Resumo

O fazer manual do século XVIII estava estritamente ligado ao ensino intelectual para a formação de novos artífices. Contudo, na virada do século XVIII ao XIX, essa tradição de ensino e de produção começa a ser colocada em risco com o advento da Revolução Industrial. Esta pesquisa pretende olhar para este período, contrapondo o contexto artesanal do século XVIII ao momento de afirmação das indústrias em detrimento do artesanato no decorrer do XIX, através da leitura de algumas obras selecionadas como fontes primárias (o Dicionário de Rafael Bluteau de 1712 – 1728; sétimo volume 7 enciclopédia de Diderot e D'Alembert, o Guia do Carpinteiro de Pioche de 1846 e o Vinhola Brasileiro de Rainville) para a compreensão de como se organizaram nesses dois momentos o ofício da Carpintaria e seus correlatos, outros ofícios “da madeira”, como a Marcenaria.

Palavras-chave: Trabalho manual. Ofícios da madeira. Século XVIII. Século XIX.

Abstract

The eighteenth-century manual making was strictly linked to intellectual teaching for the training of new artisans. However, at the turn of the 18th to the 19th century, this tradition of teaching and production began to be put at risk with the advent of the Industrial Revolution. This research aims to look at this period, contrasting the artisanal context of the 18th century with the moment of affirmation of the industries in detriment of the handicraft during the 19th, through the reading of some works selected as primary sources (the Rafael Bluteau Dictionary from 1712 – 1728 ; seventh volume 7 an encyclopedia by Diderot and D'Alembert, Pioche's Carpenter's Guide from 1846 and Rainville's Vinhola Brasileiro, to understand how the craft of carpentry and its correlates, other crafts “of wood” were organized in these two moments”, such as Joinery.

Keywords: Handicraft. Craftwoods. 18th Century. 19th Century.

Esse estudo dialoga com a atualidade, onde permanecem os questionamentos críticos sobre os meios de produção industrial, suas técnicas e qualidade dos produtos fabris. A indústria, em sua essência, priorizou a produção em larga escala, a quantidade e o lucro. Contudo, procuramos mostrar aqui uma ideia invertida: pensar nas possibilidades de uma produção baseada no ensino de técnicas e na qualidade de seus objetos¹.

Artesanato e arte durante muito tempo ocuparam um lugar semelhante e uma posição privilegiada em diversas sociedades. O artesanato foi sinônimo de produtos de alta qualidade e durabilidade, além de corresponder a processos de ensino sofisticados e de difícil compreensão. Saber sua história nos possibilita um entendimento sobre a cultura do saber-fazer e do ensino desses ofícios.

Essa pesquisa de mestrado procura recuperar aspectos das produções artesanais, através de algumas obras escritas, com o objetivo de mapear o modelo de produção que vigorou como única forma de produção de objetos até a Revolução Industrial e que pouco a pouco perdeu seu espaço nas sociedades que se industrializaram. O século XVIII foi um período riquíssimo no que se refere a esse modelo artesanal. Já o século XIX, nos permite refletir sobre os modelos de produções artesanais e industriais, mas com uma exceção: aqui queremos saber o que mudou ou o que não mudou com a Revolução Industrial; quais foram as alterações mais visíveis nos objetos ou na produção propriamente dita, e ainda no modelo de ensino do artesanato que passa de seu aspecto característico do XVIII em direção a novos modelos.

As fontes primárias que possibilitam o estudo desses dois períodos são, de um lado, obras bastante conhecidas como o *Vocabulário portuguez e latino: áulico, anatômico, architectonico...* de Rafael Bluteau, publicado em Lisboa entre 1712 - 1728² e o volume sete da *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, etc.* de Diderot e D'Alembert³; relativas a um período de grande valorização do artesanato. De outro lado, em contraposição, são obras menos conhecidas, datadas do século XIX num período em que o artesanato já estava em crise devido ao processo de industrialização crescente: o *Guide du*

¹ Nas últimas décadas vem se desenvolvendo um movimento de oposição ao fenômeno de McDonaldisação da sociedade, conceito desenvolvido pelo sociólogo George Ritzer, em que a produção industrial domina todas as formas de vida e o ritmo de trabalho. Parte desta resistência ficou conhecida como "Slow Movement", movimento que busca a desaceleração de vários aspectos da vida humana, sendo um deles o Slow Design, conceito criado pelo designer Alastair Fuad-Luke, em 2002, que aborda um novo modo de produzir objetos, de maneira mais sustentável ecologicamente, socialmente e economicamente. Ver RITZER, G. *The MacDonaldisation of Society*. California: Sage Publications, 2012. E FUAD-LUKE, Alastair. *Slow design - a paradigm shift in design philosophy?* Design by Development, dyd02 conference, Bangalore, Índia. 2002.

² BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5448> e <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5447>.

³ D'ALEMBERT, Jean le Rond; DIDEROT, Denis. *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, etc.* 1751-1772. 17 v. Universidade de Chicago: ARTFL Encyclopédie Project, 2017 ed. Disponível em: <http://encyclopedia.uchicago.edu/>.

charpentier et du menuisier des villes et des campagnes... de Pioche⁴, um manual de carpintaria e marcenaria francês de 1846 e *O Vinhola brasileiro – Novo Manual Prático do Engenheiro, Architecto, Pedreiro, Carpinteiro, Marceneiro e Serralheiro* de César de Rainville⁵, publicado no Brasil em 1880.

Esta investigação analisa especialmente o artesanato relacionado à madeira, na forma de busca de termos relacionados à Carpintaria e outros ofícios da madeira. As atividades artesanais foram organizadas no contexto europeu, desde a Idade Média, em ofícios mecânicos. Cada ofício se dedicava a determinada matéria, por exemplo, os ofícios do metal eram serralheria, funilaria, ourivesaria de prata e ouro, entre outros; os ofícios da lã eram os laníferos, de tecidos e de vestimentas, que eram os alfayates; já o escultor ou estatuário trabalhava com estatuas; e assim por diante. Muitos oficiais “da madeira”, além dos carpinteiros e marceneiros, trabalhavam como entalhadores, ensambladores e até mesmo como escultores. Compreender o universo de organização das oficinas, dos ateliês, os sistemas de trabalho, as ferramentas, as matérias-primas e as transformações ocorridas no artesanato às vésperas da Revolução Industrial poderá esclarecer muitos aspectos sobre as artes no Brasil e Portugal do período.

Assim, buscamos mostrar um olhar sobre os ofícios da madeira antes e durante a primeira Revolução Industrial, de maneira que seja percebida a importância que se dava e se esvaía, ao mesmo tempo, de um saber fazer através do ensino de técnicas específicas.

Os séculos XVIII e XIX se caracterizam por mudanças importantes no que se refere aos meios de produção. O XVIII, ainda fortemente marcado pelas corporações de ofícios de origem medieval e um alto grau de elaboração do trabalho manual, onde o artesanato ainda consistia no principal modelo de produção. Já a segunda metade do século XVIII será apontada pelos avanços da 1ª Revolução Industrial e gerando no início do século XIX de maneira mais intensa a ruptura nas formas de organização do trabalho artesanal em direção a sua diluição e afirmação do trabalho fabril.⁶

Abordaremos alguns aspectos sobre como se caracterizou o processo de trabalho em cada um desses séculos para uma melhor análise e compreensão das fontes primárias selecionadas para este projeto. Desta forma, poderemos compreender como as oficinas dos artífices eram organizadas, quais eram as principais características do cotidiano desses artistas, e marcar o (s) modelo (s) de ensino aos quais os aprendizes eram submetidos, com foco nos ofícios de Carpintaria e seus ofícios semelhantes, como a Marcenaria, Ensamblagem, a Tanoaria e trabalhos em Talha.

⁴ PIOCHE. *Guide du charpentier et du menuisier des villes et des campagnes*, contenant tous les détails de la charpente en bois et en fer, avec grand nombre d'exemples, par Pioche,... précédé de la Théorie de la force des bois, par E. Debrun,... 1846. Biblioteca Nacional da França: Departamento de Literatura e Arte, V. 2944. 2010. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb31115936k>.

⁵ RAINVILLE, César de. *O vinhola brasileiro*. Rio de Janeiro. 1880. 634 p.

⁶ MARTINS, Mônica de Souza Nunes. *A arte das corporações de ofícios: As irmandades e o trabalho no Rio de Janeiro colonial*. CLIO: Revista de pesquisa histórica, Pernambuco, 2012. v. 30, p. 1-18.

As corporações ou guildas foram organizações dos artesãos que se formaram na Idade Média, a partir do século XIII em diferentes cidades da Europa⁷. As oficinas ou ateliês constituíam em geral os lugares de trabalho dos artífices, mas, de acordo com Richard Sennett em *O Artífice*⁸, esses locais também eram a morada desses artesãos bem como de seus aprendizes. Veremos, muitas vezes, uma relação não apenas de trabalho e ensino entre mestre e aprendiz, mas um papel de guardiões desses futuros artífices, com características familiares ou paternas que envolviam até mesmo os castigos físicos, por exemplo.

Apesar de conciliar funções de residências, as oficinas ou ateliês serão locais de trabalho e de exercício de autoridade do mestre sobre seus aprendizes, que se submetiam a um período rigoroso de ensino, por pelo menos 4 anos de prática e teoria⁹, para poderem se tornar futuros mestres em seus ofícios. É possível perceber um sistema rígido para a formação de futuros profissionais. Um aprendiz começava seus estudos ainda jovem, até mesmo ainda criança, muitas vezes filho ou parente de seu mestre, para poder prestar o exame e conseguir aprovação com a carta de exame, e assim se tornar mestre no ofício e ter direito de exercer livremente seu trabalho, montar seu próprio ateliê ou tenda.

O século XVIII ainda é um período onde o trabalho, o exercício dos mestres e todo o sistema de funcionamento das oficinas era controlado pelas corporações e pelas câmaras municipais¹⁰. Como um sistema coletivo, as possibilidades de expansão ou enriquecimento particular eram bem difíceis de se concretizar. Com o crescimento cada vez maior do pensamento econômico liberal e o desenvolvimento do capitalismo e início da industrialização a partir do final do século XVIII e na virada ao século XIX, a forma de trabalho artesanal foi perdendo espaço e assiste-se o fim das corporações de ofícios, assim como a dissolução de todo o sistema de controle dos artesãos com base em tradições medievais. É certo que com relação às artes da pintura, da escultura e arquitetura essa liberalização havia ocorrido antes, sobretudo no contexto italiano dos séculos XV e XVI, mas os demais ofícios relacionados às chamadas “artes menores” permaneceram vinculados às guildas. No restante da Europa e ao contrário da Itália este processo de separação entre artes “maiores” (pintura, escultura e arquitetura) e artes aplicadas ocorreu de modo tardio e fragmentário¹¹.

A partir do século XIX haverá, por certo, novas formas de produção, e consequentemente um ritmo de trabalho bem diferente do visto no século anterior e no mundo artesanal. O controle do tempo do trabalhador no espaço fabril, a velocidade e fragmentação dos gestos, a falta de um processo de ensino específico e a mentalidade de produzir mais para lucrar mais serão os elementos que abarcaram essa nova estrutura de trabalho, onde se perde o conhecimento dos

⁷ PEVSNER, Nicolas. *Academias de Arte passado e presente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

⁸ SENNETT, Richard. *O Artífice*. Rio de Janeiro: Record, 2020.

⁹ Martins, 9.

¹⁰ Martins, 8.

¹¹ PEVSNER, N.

fazeres e dos saberes artesanais, ao que Marx chamaria de alienação, cujo o livre arbítrio do indivíduo será prejudicado e sua consciência separada, transformando-o em um “animal desnaturalizado”. (BARROS, 2011: 236)

A seguir veremos como determinadas fontes primárias do século XVIII tratam as questões do artesanato, dos ateliês e oficinas para compreender os elementos que compunham esses percursos.

Vocabulário português e latino, de Rafael Bluteau

O Vocabulário português e latino, o primeiro dicionário da língua portuguesa teve sua primeira publicação em 1712, e ao todo foram 10 volumes, contando com os dois volumes dos Suplementos ao Vocabulário. A obra do Padre Rafael Bluteau foi dedicada ao rei D João V, que serviu como mecenas do dicionário. Sua pesquisa foi iniciada ainda no século XVII e para sua formulação buscará apoio em outras produções como os dicionários franceses, tratados técnicos, relatos de viagens, textos historiográficos, além da própria vivência do autor com os falantes de termos específicos, uma característica única do Padre Bluteau para a construção de sua obra.

Pode-se dizer que o dicionário é uma obra de um homem só. Contudo, o Padre Rafael usufruiu de uma lista de colaboradores que fizeram a diferença na formação do livro. Entre esses colaboradores estavam: D. Francisco Xavier de Meneses; José Barbosa, Luís Caetano de Lima, Jerônimo Contador de Argote e Manuel Caetano de Sousa.¹²

Além de servir como organização para a língua portuguesa e também para a promoção de uma imagem favorável ao rei D João V, o dicionário, um projeto quase enciclopédico, possibilita a elaboração de uma produção lexical portuguesa completa, feita em Portugal e para os falantes do português, trazendo diferentes termos de diversos lugares ao redor do mundo. O Vocabulário se torna, assim, um compêndio da língua portuguesa no mundo. Além de trazer, para uma obra tão importante, termos relacionados ao trabalho artesanal e aos ofícios da madeira, sendo possível desenvolver uma ideia da importância desses ofícios para o período de construção das obras e como esses trabalhos refletiam na sociedade da época. A ideia é pensar no valor que essas profissões possuíam e o respeito que elas recebiam por parte da sociedade como um todo.

¹² SILVESTRE, João Paulo, O Vocabulário Português, e Latino: principais características da obra lexicográfica de Rafael Bluteau. Comunicação apresentada no encontro Dicionários da Língua Portuguesa - Patrimônio e renovação, Cursos da Arrábida, 20 a 2 de Agosto de 2001.

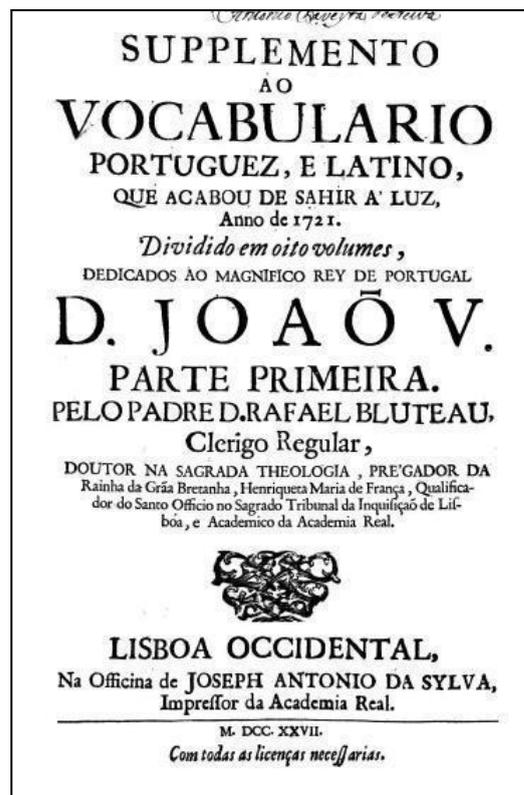
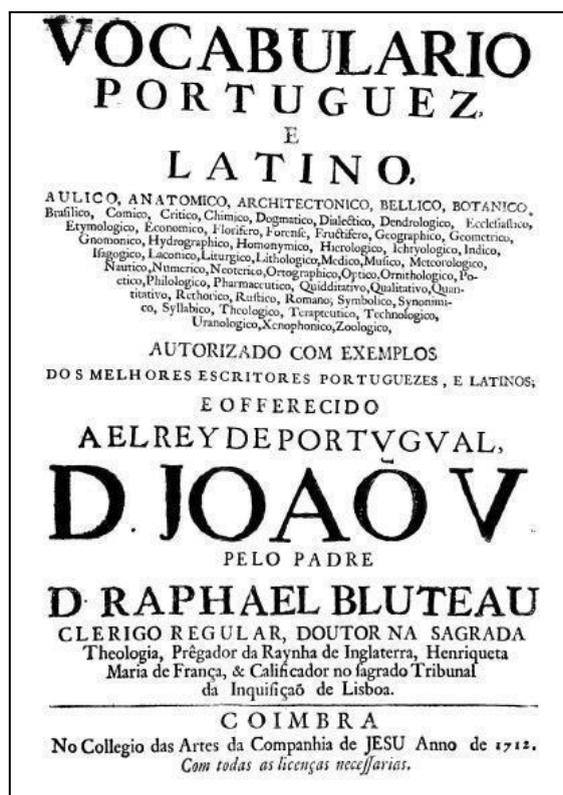


Figura 1. Raphael Bluteau. Vocabulário portuguez e latino... 1712-1728. São Paulo, BBM-USP.

Figura 2. Raphael Bluteau. Supplemento ao Vocabulário portuguez e latino... 1712-1728. São Paulo, BBM-USP.

Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, de Denis Diderot e Jean Le Rond D'Alembert

A análise referente à primeira Enciclopédia, publicada na França entre 1751-1772, escrita por Denis Diderot e Jean Le Rond d'Alembert, possuindo 35 volumes que trazem assuntos diversos do mundo e que tem seu sétimo volume inteiramente dedicado aos ofícios mecânicos, demonstrando a importância que o tema possuía para o pensamento iluminista. De acordo com Sennett “seus tomos descreviam exaustivamente, em palavras e imagens, como as coisas práticas são feitas, propondo maneiras de aperfeiçoá-las.”¹³ O autor também expõe a verdadeira intenção de Diderot sobre sua obra, que seria servir de “manual técnico” para os leitores comuns¹⁴, tornando-se símbolo para indivíduos independentes e que buscavam desenvolvimento próprio.

¹³ Sennett, 107.

¹⁴ Sennett, 108.

No site ARTFL Encyclopédie, um projeto da Universidade de Chicago, nos EUA, com o Governo Francês, é possível ter acesso à obra completa e única e possui conteúdos que colaboram com diversos assuntos. Esta Enciclopédia, como se sabe, é um livro sobre diversos temas e não apenas focado no ensino de ofícios mecânicos, como a Carpintaria, mas sim de uma coleção de diversos conhecimentos universais. No entanto, o esforço de Diderot e D'Alembert em tornar de conhecimento geral todo o funcionamento dos trabalhos artesanais, a análise de suas ferramentas, seus processos, demonstra a importância que tais fazeres tinham adquirido no século XVIII, às vésperas de sua dissolução.

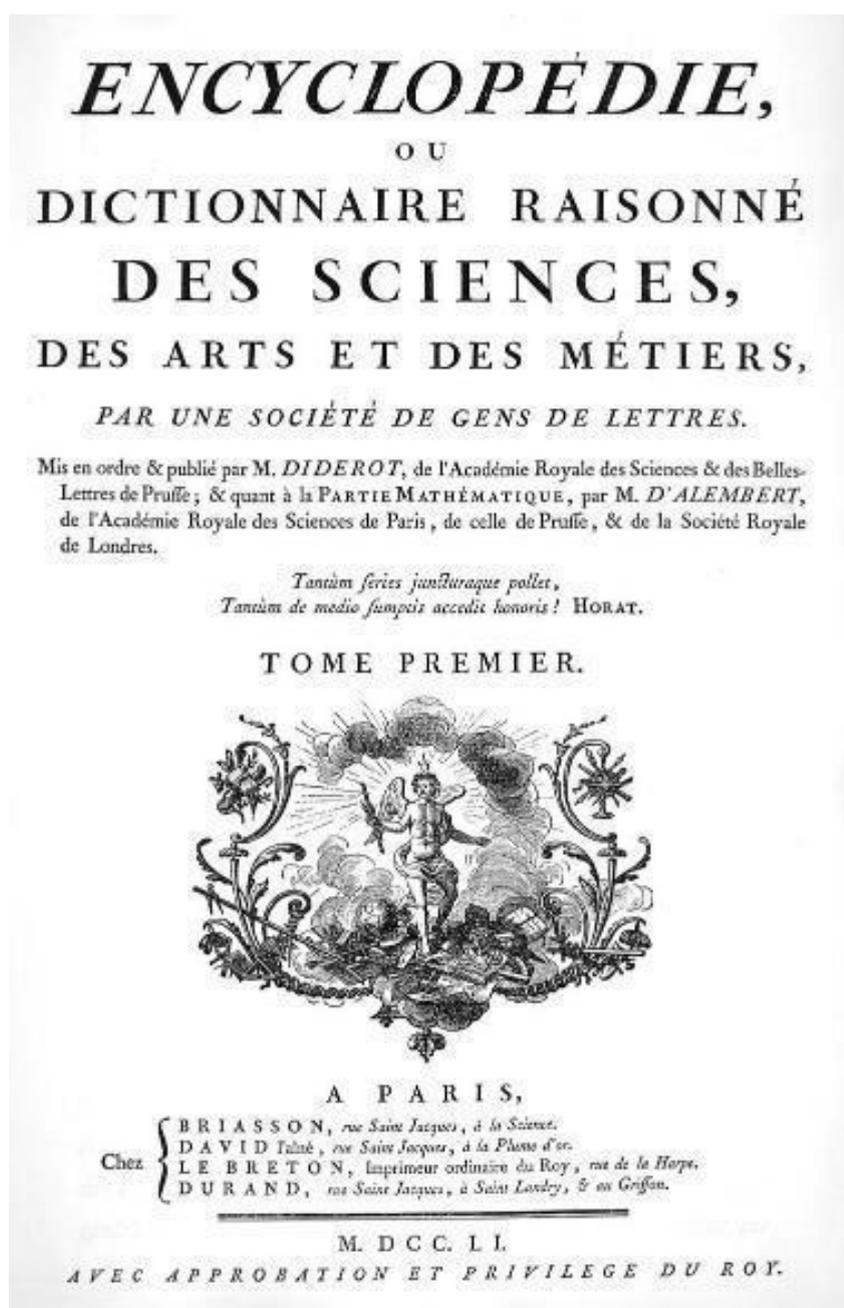


Figura 3. Denis Diderot e Jean le Rond D'Alembert. *Encyclopedie ou dictionnaire...* 1751-72. The ARTFL Encyclopédie. Chicago, Universidade de Chicago.

A Enciclopédia de Diderot e D'Alembert, um dos livros mais importantes da história, pode ser lido especificamente pelo seu aspecto de trazer informações relevantes para a valorização e o desenvolvimento de cada área do fazer artesanal, ao pretender comunicar, e assim possibilitar, a difusão do saber fazer.

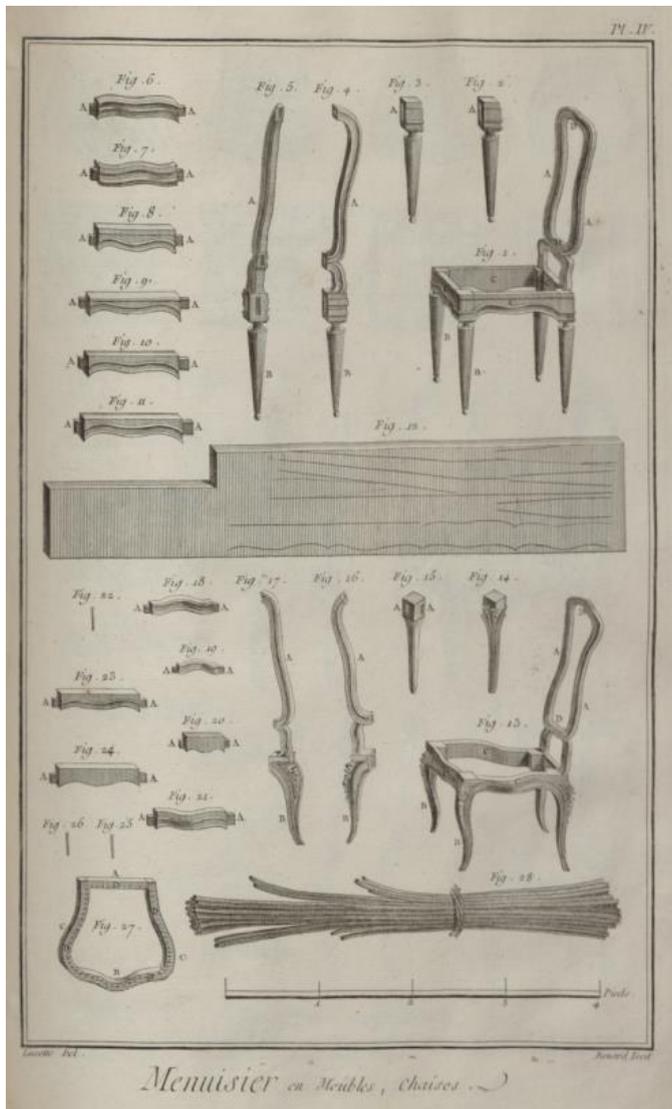


Figura 4. Denis Diderot e Jean le Rond D'Alembert. *Menuisier En Meubles | Planche IV*. 1751-72. The ARTFL Encyclopédie. Chicago, Universidade de Chicago.

Guide du charpentier et du menuisier des villes et des campagnes, de Pioche

O *Guia do Carpinteiro*, um livro publicado em 1846 pelo autor e arquiteto Pioche, mostra-nos didaticamente todo o processo de construções de objetos em madeira, desde a escolha da melhor matéria prima, até os cálculos necessários para saber as resistências e os pesos das mesmas. Com a dissolução do sistema de aprendizagem dos ofícios, dentro de ateliês, na relação direta e até mesmo pessoal

entre mestres e aprendizes, nossa hipótese é de que os Guias surgem como livros impressos para, de certa forma, substituir o ensino das técnicas artesanais e serão, assim, adotados como livros didáticos das Escolas de Ofícios, num processo de institucionalização do ensino e aprendizagem do artesanato. Temos o fim do sistema artesanal diante do avanço da industrialização e, ao mesmo tempo, o fim do sistema de ensino das técnicas artesanais e da relação mestre-aprendiz. Com isso, as atividades artesanais remanescentes no século XIX, como permanência de um modelo em dissolução, serão ensinadas não mais diretamente nos ateliês, mas em escolas de ofícios como instituições de ensino e por meio de livros didáticos que pretendiam ensinar aquilo que outrora os mestres haviam ensinado antes.

O *Guide du Charpentier* está disponível no site *Gallica*, cujo original pertence à Biblioteca Nacional da França, e com ele é possível verificar como se compreendia o ensino de todo o processo do ofício de Carpintaria e Marcenaria no início do século XIX. Ele possui duas divisões: a primeira aborda os processos necessários e todos os seus aspectos; a segunda traz as explicações das pranchas com imagens nele contidas.

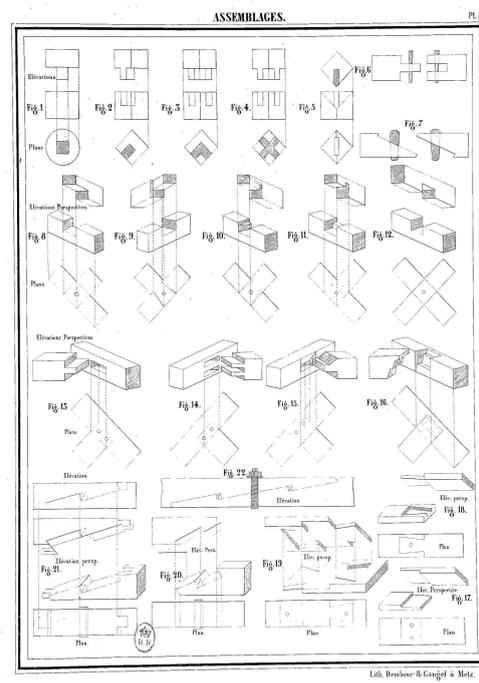


Figura 5. Pioche. *Guide du charpentier et du menuisier des villes et des campagnes, contenant tous les détails de la charpente en bois et [...] 1846.* Paris, Biblioteca Nacional da França.

Figura 6: Pioche. *Guide du charpentier et du menuisier des villes et des campagnes, contenant tous les détails de la charpente en bois et [...] Assemblages. 1846.* Paris, Biblioteca Nacional da França.

O Vinhola brasileiro – Novo Manual Prático do Engenheiro, Architecto, Pedreiro, Carpinteiro, Marceneiro e Serralheiro, de César de Rainville

Em 1880, Rainville publica o livro “O Vinhola Brasileiro”, inspirado no Tratado de Arquitetura do Tardo Renascimento de Giacobbo Barozzi da Vignola (Regole delle Cinque Ordine d’Architettura. 1562)¹⁵, arquiteto e tratadista do século XVI italiano, Vignola foi um dos mais importantes autores a influenciar as artes em todo o mundo ibérico e tinha como público alvo arquitetos, mas também artesãos e diletantes. A obra publicada no Brasil, passados mais de trezentos anos depois do Tratado Original de Vignola, é bastante diversa, por certo, dividida em sete capítulos, pode ser considerada como um guia completo através de seu conteúdo, que começa com a descrição dos materiais utilizados nas construções, passando pelos trabalhos de pedreiros e carpinteiros, e, por fim, chegando aos orçamentos produzidos. Localizamos um exemplar do livro na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Rainville, era um engenheiro alemão naturalizado brasileiro que atuou na implantação dos telégrafos no Brasil, entre outras obras.

Através do livro será possível compreender melhor como se estabiliza o conhecimento do artesanato no século XIX, aqui especialmente em relação à carpintaria e marcenaria, quando a industrialização já estava bastante sedimentada, sendo possível traçar comparativos entre leituras dos períodos anteriores, para podermos, ao final, concluir suas diferenças ou até mesmo semelhanças entre o século XVIII e início do XIX europeus e últimas décadas do XIX no Brasil.

Considerações Finais

A pesquisa ainda está sendo esboçada e em seu primeiro ano, com isso há muito ainda para ser investigado, localizado e compreendido. Com o Dicionário de Bluteau e a Enciclopédia de Diderot e D’Alembert poderemos perceber as semelhanças e diferenças entre os termos empregados para se referir aos ofícios, seus significados e a influência da Enciclopédia sobre o mundo luso-brasileiro ainda no século XVIII. Já com o Guia do Carpinteiro e o Vinhola Brasileiro poderemos esclarecer como o sistema de ensino dos ofícios nos ateliês dos mestres-artesãos estava em crise nas vésperas e no processo da Revolução Industrial e em que medida se passará a escrever livros para ensinar estes trabalhos artesanais por um caminho cultural bastante diverso.

¹⁵ BAROZZIO DA VIGNOLA, Giacomo. Regole delle Cinque Ordine d’Architettura. 1562. Disponível em <http://architettura.cesr.univ-tours.fr>

Referências

Fontes Primárias

BLUTEAU, Raphael. Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5448> e <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5447>

D'ALEMBERT, Jean le Rond; DIDEROT, Denis. *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, etc.* 1751-1772. 17 v. Universidade de Chicago: ARTFL Encyclopédie Project, 2017 ed. Disponível em: <http://encyclopedia.uchicago.edu/>.

PIOCHE. Guide du charpentier et du menuisier des villes et des campagnes, contenant tous les détails de la charpente en bois et en fer, avec grand nombre d'exemples, par Pioche,... précédé de la Théorie de la force des bois, par E. Debrun,... 1846. Biblioteca Nacional da França: Departamento de Literatura e Arte, V. 2944. 2010. Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb31115936k>.

RAINVILLE, César de. O vinhola brasileiro. Rio de Janeiro. 1880. 634 p.

Bibliografia

MARTINS, Mônica de Souza Nunes. A arte das corporações de ofícios: As irmandades e o trabalho no Rio de Janeiro colonial. CLIO: Revista de pesquisa histórica, Pernambuco, 2012. v. 30, p. 1-18.

PEVSNER, Nicolas. Academias de Arte passado e presente. São Paulo: Companhia das Letras. 2005

SENNETT, Richard. O Artífice. Rio de Janeiro: Record, 2020.

SILVESTRE, João Paulo, *O Vocabulario Portuguez, e Latino*: principais características da obra lexicográfica de Rafael Bluteau. Comunicação apresentada no encontro *Dicionários da Língua Portuguesa - Património e renovação*, Cursos da Arrábida, 20 a 2 de Agosto de 2001.

SILVESTRE, João Paulo, 2001 «Argumentação no prólogo do Vocabulario Portuguez, e Latino: a defesa da obra e da língua portuguesa», in Luís Machado de Abreu e António Ribeiro Miranda, *O Discurso em Análise – Actas do 7º Encontro de Estudos Portugueses*, Aveiro, Universidade de Aveiro, pp. 87-101. ISBN 972-789-048-2.

FICHER, Sylvia; MACEDO, D. M.... Três vinholas no Brasil do século 19. In: 4º Projetar, 2009, São Paulo. Projeto como investigação: antologia. São Paulo: Alter Market, 2009. v. 1. p. 1-20.

MATTA, Glaydson Gonçalves. Tradição e modernidade práticas corporativas e a reforma dos ofícios em Lisboa no século XVIII. 2011. 212 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

BARROS, José D'Assunção. O conceito de alienação no jovem Marx. Tempo Social, São Paulo, 2011, v.23, n.1, p. 223-245.

DOS SANTOS, Carlos Roberto Antunes. O Império McDonald e a McDonalldização da Sociedade: alimentação, cultura e poder. Seminário Pacetas do Império na História, Paraná. 23 p. 2006.

Como citar:

TORRES RODRIGUES, Isabela. Um olhar sobre os ofícios da madeira, dos XVIII - XIX, no contexto luso-brasileiro. *Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em Tempos Sombrios*, Evento virtual, CBHA, n. 41, p. 1320-1331, 2022 (2021). ISSN: 2236-0719.
DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.41.107>
Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>